



UFJF 25 ANOS

GIRANÇA

GRUPO DIVULGAÇÃO

Centro de Estudos Teatrais
Grupo Divulgação
apresenta

GIRANÇA

de José Luiz Ribeiro

**FORUM DA CULTURA
QUARTA A DOMINGO
OUTUBRO NOVEMBRO**

AUSPÍCIOS UFJF - FUNALFA

GIRANÇA:

**quando o tempo
move a maçaneta.**

José Luiz Ribeiro

"Girança" é uma explosão que estilhaça o tempo e acende cenas de memória, criando, através de pequenos flashes, um painel que narra a história simples dos migrantes que ajudaram construir a cidade mineira que vai crescer no século XX.

É um resgate de acontecimentos que se tornam longínquos e pairam, de maneira tênue, na névoa do tempo e que, quando acordados puxam uma ciranda de lembranças que nos levam numa viagem memorial.

O nome "girança" apareceu, pela primeira vez, no velho balcão verde do Diário Mercantil, onde o poeta Ivan Daibert, nos levava sua contribuição semanal para o Suplemento Literário que integrava o Caderno de Domingo.

Tempos depois o poema apareceu no livro "Porta do Tempo" e que, junto com Pedro Nava, em seu "Baú de Ossos", Murilo Mendes, em "A Idade do Serrote" e outras obras que acordam momentos vividos, despertaram uma peça criada para um elenco jovem.

Inicialmente escrita em versos com pequenas cenas dialogadas, "Girança" chegou ao papel num sopro de desespero, em 1983, quando tínhamos que fazer um espetáculo com o Grupo Magister de Teatro e não encontrávamos textos que servissem ao elenco.

Mas, ao tomar conhecimento de que o texto começava com a delimitação da geografia mineira, alguns dos meus jovens amigos se assustaram em fazer uma peça que tratasse de história e geografia. E assim, Girança girou rumo à gaveta, não sem antes passar pelas mãos de

alguns membros do Divulgação que a elegeram como uma obra com amplas possibilidades de montagem.

Acho a gaveta um ótimo celeiro para fazer germinar idéias. Assim, durante estes dois anos, o texto era relido e alterado esporadicamente, porém, nunca terminado.

Formou-se, dentro do grupo, uma liga de cobradores. E vez por outra a idéia voltava à baila. Confesso que sou pouco corajoso de colocar no palco textos de minha criação. Enquanto "Girança" descansava nasceu "I love you, JUJU", um roteiro poético que narra a história de Juiz de Fora, de maneira leve e, às vezes, sarcástica.

Depois mergulhamos em adaptações e estudamos, longamente, a linguagem do cinema e tv, suas influências na dramaturgia e o trabalho de roteirização. Um aprendizado lento que, aos poucos, temos incorporado ao trabalho do palco.

Depois de "Fausto" buscamos um autor brasileiro e nos derramamos em cima de Nelson Rodrigues, Jorge Andrade, Lauro César Muniz, Dias Gomes e outros. As peculiaridades de um elenco, quase fixo, às vezes geram formas de cerceamento, em especial quando o grupo feminino é, numericamente, superior e a história da dramaturgia reserva ao elenco masculino uma gama muito grande de papéis.

Assim, Girança estava com seus dias contados para acontecer. A pressão do elenco, cada vez mais forte, foi chegando a um clima insuportável. E "Girança" deu os seus primeiros passos rumo ao palco; cena por cena os personagens foram despontando e imenso quebra-cabeça foi sendo armado.

Palavra puxa palavra e uma idéia puxa a outra. Bate-papos, discussões e longas conversas foram alimentando a seiva dos personagens que, fragmentados, estabeleceram as mais diversas relações.

Durante este tempo foi dado um curso sobre o Método Stanislavski e os atores puderam aplicar, no seu trabalho, os ensinamentos do mestre russo. É uma peça de subtexto, memória de emoção e visualização de fala, diálogos cruzados e círculos de atenção.

Mas, antes de tudo, é uma peça sobre uma memória adormecida, sobre a aventura de ser menino e se preparar para a vida através de pequenos embates. Não é uma peça de grande conflitos. É uma peça de nuances, rápidos e fugazes como o entardecer e o despertar do dia.

São meninos e meninas que vêm o mundo em "contre-plongée", de baixo prá cima. É um resgate de tempos vividos na roça, em Ibitiguaia, Creosotagem, Cotegipe e outros nomes que adormeceram na memória do juizforano.

É um resgate dos primeiros tempos de bairros, com casas distribuídas, esparsamente por entre matagais, brejos, onde se pegava rãs, e árvores com frutos que viviam no meio do mato. É uma peça sobre campinhos que a molecada construía e fazia virar um estádio, imenso, na sua fantasia. É uma peça sobre o Paraibuna e seu mortos, levados a cada verão e sobre suas mães.

É uma peça que se escreve rumo ao futuro. É uma peça sobre a construção de uma rua, de um bairro, de experiências ricas que mostra a trajetória de pessoas comuns, suas pequenas angústias e conflitos.

A relação com a natureza, o primeiro contato com a realidade mágica que envolve o mundo infantil, o aprendizado assistemático que fundamenta nossa cultura são os pontos de partida.

O fundo social que caminha dos anos trinta aos anos quarenta mostra a mudança de uma família e o seu relacionamento dentro de uma

estrutura rural e depois urbana.

A religião aparece com uma força fatalista que separa os homens em eleitos e infieis e é, através dela, que surge o conflito que gera transgressão.

O encontro com a morte e a relação que se estabelece entre os participantes deste encontro. O desaparecimento do parente de uma amiga até a perda de um amigo. Esta teia suave vai tecendo a vida e mostrando, a cada dia, a riqueza da experiência de viver.

Os vários segmentos de vida vão sendo mostrados e, aos poucos, vamos tomando contato com um enredo tênue que revela pequenas inquietações, grandes desesperos, tudo acontecendo de maneira rápida, como num filme.

"Girança" foi o encontro de um elenco com suas raízes e, esperamos que o seja, também, para o público. É uma experiência singela como os primeiros passos de uma cidade que é construída de modo anônimo. É uma peça que revela estes seres que são anônimos porque são comuns.

A peça acorda imagens adormecidas e se insere no contexto da literatura oral, onde um caso puxa o outro. É uma peça mineira mas, como fala de seres vivos, é uma peça brasileira que fala da vida comum, da religião, da descoberta do sexo, dos jogos de guerra travados nas brincadeiras infantis.

Alguns poderão se lembrar de velhas canções, entoadas em roda, contando trágicos acontecimentos, como a cantiga de "Iracema" ou dos velhos cantos de coroação, quando o frio de maio era aquecido pelas velas dos altares e pelo amor a Deus. A velha catequista está homenageada. Os temores de um Deus vingador estão libertados. Esta é uma peça sobre o nascimento de uma cidade, seus cidadãos e sua vida.

O mergulho que desperta a vida

Leila Maria Fonseca Barbosa

Na sociedade moderna, em que os mitos são tenazmente abolidos ou velozmente substituídos e em que os ritos — intermediários entre mito e homem — não mais determinam os atos essenciais da vida, o teatro — forma ritual mítica — atua impulsionado pela mola da necessidade de intervir neste mundo fragmentado, caótico, de valores indefinidos. Reflete a vida e reflete sobre a vida. E, como arte, "única linguagem revolucionária que hoje nos resta" (Marcuse), projeta a realidade, tentando fundir os cacos espalhados ao longo da vida humana. E ainda mais, quando procura no passado as respostas para as questões presentes, quando criticamente rememora fatos para assumi-los ou exorcizá-los, rompe o círculo asfixiante dos bloqueios institucionais que se enroscam sobre si mesmos e não conseguem dar conta dos problemas sociais.

O homem de hoje, tanto ou mais que o de antigamente, vive à procura de saída para o revigoramento periódico de seu mundo exaurido. Neste século em que "a irracionalidade se mistura ao morticínio calculado e científico de populações inteiras" (adorno), neste século em que a angústia existencial atinge o limite de suas possibilidades devido à tensão causada por ameaças das mais diversas origens, o homem se encontra perdido e perplexo. A massificação global engole seu poder reflexivo, afasta de sua capacidade crítica, desvia-o de sua verdadeira vocação que é, ao contrário de todas as aparências, a de ser homem. Restam-lhe poucas opções. Procurar no valor originário dos gestos e palavras inocentes um caminho que lhe acene com um raio de esperança é uma delas.

A idéia de que a energia vivificadora se encontra nas origens é muito antiga e muito difundida. Daí a necessidade de uma cosmogonia, de um resgate da força primitiva, da herança mágica que contribui para a destruição do Mundo, a fim de se criar um outro. Ora, por serem os artistas representantes das verdadeiras forças criadoras de uma civilização, por serem eles que, por meio de sua arte, espelham a sociedade e lutam por modificá-la, chegando mesmo a antecipar os acontecimentos, esse fenômeno cultural de destruição para reconstrução é de suma importância.

O retorno existencial à origem, através da memória, constitui-se num retrocesso progressivo e articula-se pela lembrança meticulosa e exaustiva dos eventos pessoais e históricos. Seu objetivo último é quei-

mar ou abolir situações pretéritas, recorrendo-se a experiências presentes, a fim de se donimar o passado e impedir que ele intervenha negativamente. O conhecimento adquirido por meio da memória confere ao conhecedor um domínio mágico sobre as coisas. É através da retrospectiva poética que se perfaz o caminho retroativo em direção à recuperação do Caos Primordial, para se beber, na Fonte da Juventude, a água pura da vida. É por esse ritual mágico que o teatro liberaliza, esmiuçando as sombras do passado, desnudando a linguagem, rompendo o discurso.

A construção da lembrança implica, pois, na desconstrução do tempo e apaga os limites entre real e ficção, entre fim e começo, entre sagrado e profano.

O memorialismo, uma das marcas da literatura de Juiz de Fora, chega então, ao palco, trazendo em seu rastro o acridoce sabor mineiro da infância. Movido pela força centrípeta ontológica que atrai o homem a escavar seu solo para desenterrar as raízes, o mineiro de Juiz de Fora conduz o presente ao passado, tentando entender sua descaracterização, seus impulsos primitivos, seus estigmas indelévels. Nesse movimento de retorno, envolvido pelas montanhas protetoras, sente o ameno perfume dos roçados, experimenta a alegria dos jogos infantis, vivencia a ambigüidade institucional da escola e depara-se com um dos dados fundamentais de sua formação: a religiosidade entranhada visceralmente em seu caráter. A fé católica mineira tem um traço especial, pois concilia realismo e misticismo, sagrado e profano. De cunha essencialmente conservador, a religião católica de Minas preserva a marca opressora do pecado, do interdito. E cunha indelevelmente a alma do mineiro, preenchendo-a com os fantasmas da culpa. Por outro lado, à medida em que, dialeticamente, o peso torna-se esmagador, o mineiro e, em especial o de Juiz de Fora, procura ceticamente degradá-lo para restabelecer seu equilíbrio. Os ritos de dessacralização são, portanto, necessários e o memorialismo é um dos meios mais eficazes para sua consecução.

Assim, a "girança" da chave que "escancara o passado" permite a volta às origens à cata das raízes que sustentam a árvore da vida, abalada pelos vendavais radioativos. É o sinal de que ainda resta uma esperança. Esperança de realização do equilíbrio entre as pulsões primitivas e a organização cultural, sem que o prato da balança penda para um ou outro lado, sem que a irracionalidade irrompa como potência arrasadora, sem que a civilização oprima como força massacrante.

GIRANDO TONTO NO

GIRO DA GIRANÇA

Maria Lúcia Rocha Ribeiro

O teatro é sempre um exercício de escavação do mistério. Para isto ele não precisa, necessariamente, de oráculos, deuses, nem de heróis. Precisa apenas de se empenhar em desenrolar o barbante sem fim da alma humana, cuja ponta emerge, inconseqüente, na aparente simplicidade do cotidiano. Não resta dúvida de que é um exercício sempre doloroso e arriscado, este ato de humildade e despojamento, que exhibe as vísceras na vitrine de um palco, para que o fogo das consciências heterogêneas que compõem o público, possa queimá-las e, em sua fumaça ou em seus despojos, encontrar uma palavra, uma imagem, uma emoção capaz de fazê-las mais comprometidas com o mundo.

Vivemos, por outro lado, um tempo grávido de palavras, idéias, paixões, por mais de vinte anos reprimidas e cujo parto doloroso ainda se perde em contrações de músculos retesados, por costume, e desgaste de energias em gritos e gestos que repetem o todo contestado. É um tempo, como já disse o poeta, de homens partidos — mais até do que de homens de partidos. E para que se possa dar à luz à esperança, para que se possa recolher os fragmentos de força dispersos e deixar que o novo tempo exploda com seu vigor real, é preciso reaprender o difícil exercício da paciência. É preciso escavar a memória anterior à clausura, para que ela ilumine os passos futuros.

O mesmo acontece com nossa dramaturgia. Filha de amputações seculares, ela já tentou percorrer os caminhos alegres e irreverentes da revista; ensaiou uma integração universal, buscando no homem brasileiro os traços de sua identidade cosmopolita; desbravou, tropegamente, os caminhos áridos que ferem os pés do camponês anônimo; perdeu-se no redemoinho de uma urbanização turbulenta e atropelada... Mas tudo lhe foi confiscado pelos donos da verdade, pelos "zelosos" guardiães do "Saber" policiado.

Por isso **Girança** é um exercício de recomposição. Tenta buscar, no passado, não os grandes gestos registrados (ou camuflados?) na história, mas a memória da vida experimentada. Em sua contribuição na construção de um discurso dramático nacional, a peça não se propõe a nenhum passo significativo. Busca, apenas, responder às necessidades fundamentais de discurso dos jovens que compõem seu elenco. Assim, promove uma escavação conjugada de, pelo menos duas gerações: a de 30/40 que fornece o subsídio da tradição, e a de 50/60 que a recebeu e transformou em plena vigência do discurso autoritário da Comunicação de Massa.

Se ao aprender a escrita, o homem perdeu parte de sua capacidade de memorização, por força da ausência de necessidade que representou para ele a possibilidade de fixar, exteriormente, suas realizações e idéias, a força dos veículos de massa, seu poder de documentação, relegou, definitivamente, a tradição ao anônimo e ao esquecimento, nivelando a sociedade. Os pequenos mistérios da infância e da adolescência se transformaram em problemas já previamente solucionados pela informação orientada que, entretanto, se esquece da importância que têm em sua função de vivência emocional e simbólica. De criador de símbolos, na era da massa, o homem se transformou em mero consumidor dos símbolos já engendrados cientificamente. Mas nem por isto perdeu sua angústia simbólica.

É neste vazio de simbolização que a peça pretende atuar, recuperando a esquecida fonte de ingenuidade e deixando aflorar as forças arquetípicas que o bombardeamento da informação anestesiou, mas nunca conseguirá destruir, a menos que desumanize o homem. E exatamente por tratar dos medos, das emoções e dos prazeres ingênuos, ela se volta para o mundo simples e rico da infância, pelo menos, em dois níveis: a infância da vida e a do mundo urbano. Sorve ali, onde as águas do rio da memória ainda não se poluíram com a química da mecanização acelerada, seus exemplos, seus espaços de sonho e realidade. E o faz por migalhas, por fragmentos mínimos, rotineiros, que escondem em seu núcleo o esboço das grandes transformações.

Não é, portanto, uma peça de soluções para problemas sociais de grande vulto. Não é, também, um mero exercício de recordação,

visto que nela se encontram presentes tanto as profundas contradições entre o meio rural e o urbano, a força do mítico e do misticismo, as distorções da injusta organização social nas cidades, onde a técnica precede a compreensão de seu uso, ou até de sua necessidade. E no gesto solidário, resquício de um passado de convivência comunitária simples e aberta; nos conflitos de poder arrastando a subserviência; nas perdas cotidianas e nas vitais, tudo repete, simbolicamente, os intrincados caminhos da convivência humana.

E por detrás de tudo isto, como cenário ou pano de fundo, brotam cantigas e comportamentos retirados da tradição e tão arraigados que dispensam o julgamento da moral ou da ética. Maldade e bondade convivem com a malícia e a ingenuidade, numa tensão dialética própria do viver humano, mais preocupado com a vida do que com considerações informativas ou científicas. E em suas cenas descosturadas, mal alinhavadas por uma trama aberta que lhes permite vida plena de fragmento, a estrutura procura seguir o movimento da memória. Vai catando nas prateleiras desorganizadas, ordenadamente, de um armazém anterior à compartimentação dos supermercados, seus produtos simbólicos. E se recusa a lhes dar a organização já cientificamente desmistificada da lógica do sonho. Prefere exercitar o arranjo simples de uma trama-pretexto. Segue-a fielmente, mas sem pressa, deixando que a lembrança páre e olhe a paisagem, reconhecendo o caminho já percorrido anteriormente, tendo a coragem de morrer de medo, ou deixar correrem as lágrimas ingênuas da emoção boba, ante o lobisomem que vive no escuro irracional de nossa alma, ou que o cheiro de incenso — às vezes nunca experimentado — faça renascer o lubrificante salgado e ardente de uma fé infantil e posta de lado pela estúpida lucidez de adulto.

Girança é giro e criança, é conversa jogada fora, é caso contado nas tardes preguiçosas de café prolongado em volta de uma mesa, quando a família ainda podia conversar sem que a "sessão da tarde" falasse em seu lugar, ou que as aulas de nataçã, judô, balé, ou língua estrangeira invadissem o mundo infantil, amadurecendo-o a força. É papo de cadeira na calçada, cada um construindo sua "novela", sem medo do assaltante que pode sair de trás da árvore (quando está persiste em existir) e quando a porta ainda pode ficar aberta, enquanto se busca água ou pão

para o pobre que pede auxílio. Naquele tempo em que o pão, o café, a água ainda alimentavam a fome dos que precisavam pedir, sem estabelecer quotas em cruzeiros para o ato solidário e a doação não era espalhada no chão poucos metros adiante. É conversa de noite na cama, enquanto na rua, o guarda-civil usava o apito no lugar do revólver ou do cassetete. É, enfim, aquele papo furado em cujo fundo está o grito de alerta e de apelo para a recuperação da confiança no outro.

Em *Girança* não se faz discursos conscientizantes, não se constrói uma obra literária. Simplesmente se dá voz a personagens jovens, que serão vividos por jovens, ainda despreparados para o grande debate e de quem se cobra atitudes sempre renovadoras, mas para quem não se teve a eficácia de preparar o caminho, ou ensinar os primeiros passos, nem mesmo para permitir que o recusassem e, com suas próprias mãos, criassem alternativas. É uma peça de personagens-emoção e personagens-símbolos, de cotidiano e sonho, de vida vivida e imaginada, que dê lugar à representação — boa ou má — do ator. Um teatro que permita que os atores representem, sem o compromisso pesado de mudar o mundo a cada gesto. Um teatro que permita ao público lembrar de suas experiências perdidas e dos casos repetidos em almoços de domingo, ou festa de aniversário dos avós. Um teatro que permita à vida social treinar a oportunidade de mudança, sem que o erro, o tropeço represente a falência da própria organização social.

Girança é, enfim, uma peça mineira: sem pressa e com a sabedoria da escalada da ladeira em ziguezague, e que se permite parar para tomar fôlego, e olhar prá trás pra ver o caminho já vencido ou apreciar a vista do alto do morro. É uma peça brasileira, porque ainda engatinha e já topa com escadas rolantes e reluzentes neons, convivendo com lâmparinas; associa a panela de pedra ao forno de micro-ondas e dança rock com passos de forró. Tem em si a complexidade de todas as coisas simples e não sente vergonha de revestir de pieguismo os complexos impulsos da psique. É um "giro" pela vida, um documento sem museu, um álbum de retratos familiar e público que se folheia por folhear e se transforma o gesto de passar a página em força de resistência, que permita conciliar a imagem do retrato amarelecido com a projeção eletrônica e descartável que o substitui, dando espaço a ambos. É, na realidade, matéria de memória e retorta de futuro.

CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS

Grupo Divulgação

apresenta

GIRANÇA

de José Luiz Ribeiro

Memória

Pai

Mãe

Marcolina

Maizé

João

Tião

Mercês

Cecília

Serafina

Terezinha

Neco

Lindaura

Euzébia

Clotilde

Isabel

D. Lica

Toninho

Eustáquio

Lia

Padre

Waldete

Nossa Senhora

Cartaz

Figurino

Sonoplastia

Iluminação

Administração

Cenário e Direção

Marcos Orione, Gisela Barbosa, Maria Tereza Silva, Mônica Prado e Uilde Melo

Guy Schmidt

Gisela Barbosa

Sheila de Oliveira

Ana Carla Duarte

Marco Venício Cordeiro

José Márcio de Souza

Alice Freesz

Valéria Veiga Penna

Luiza Rezende

Maria de Fátima Amorim

Ronaldo Borges

Arlete Heringuer

Maria Tereza Silva

Ana Carla Duarte

Uilde Melo

Luzia Rezende

Marcos Orione

Ronaldo Borges

Valéria Veiga Penna

Marcos Orione

Arlete Heringuer

Mônica Prado

Reginaldo Cunha

Malu Rocha Ribeiro

José Luiz

João Ricardo Luz

Virgínia Fonseca

José Luiz Ribeiro

GRUPO DIVULGAÇÃO

trabalhos apresentados:

espetáculos antológicos:

amor em verso e canção

o homem do século XX

antologia da mulher

apresentação didática:

morte e vida severina, de joão cabral de mello neto
coral universitário

belmiro, murilo, pedro nava

camões

a menina casadoira, de Ionesco

pic-nic no front, de Arrabal

sganarello, de molière

lição de molière, de josé luiz ribeiro

a farsa do mestre pathelin, anônimo medieval

departamento de teatro infantil:

A Onça de Asas

Circo de Bonecos

Estória de lenços e ventos

Nem tudo está azul no país azul

Guairaká

O embarque de Noé

D. Baratinha

A gema do ovo da ema

A cocha do gigante

Girassinho

Putz, a menina que buscava o sol

walmir ayala

oscar von pfhul

ilo krugli

gabriela rabelo

josé luiz ribeiro

maria clara machado

josé luiz ribeiro

sylvia orthoff

zuleika mello

josé luiz ribeiro

maria helenah kuhner

Outros espetáculos:

cancioneiro de lampião

o urso

bodas de sangue

electra

diário de um louco

pequenos burgueses

a visita da velha senhora

escola de mulheres

escurial

romanceiro da inconfidência

maria stuart

a morta

o patinho torto

yerma

seis personagens a procura de um autor

as criadas

arlequim servidor de dois amos

calígula

guerra mais ou menos santa

pedreira das almas

só o faraó tem alma

o beijo no asfalto

mas que papel, seu bacharel!

o estado de sítio

boca do inferno

a mandrágora

o rei da vela

como se fazia um deputado

dr. getúlio, sua vida e sua glória

o jardim de cerejeiras

esta noite se improvisa

o inspetor geral

fausto

girança

nertan macêdo

anton tchekhov

federico garcia lorca

sófocles

nicolai gogol

máximo górkí

friedrich durrenmatt

molière

Michel de Ghelderode

cecília meireles

friedrich von schiller

oswald de andrade

coelho netto

federico garcia lorca

luigi pirandello

jean genet

carlo goldoni

albert camus

mário brasini

jorge andrade

silveira sampaio

nélson rodrigues

josé luiz ribeiro

albert camus

marcus vinícius

maquiavel

oswald de andrade

franço junior

dias gomes e ferreira gullar

anton tchekhov

luigi pirandello

nicolai gogol

johann wolfgang von goethe

josé luiz ribeiro

AGRADECIMENTOS:

Prof. Sebastião Marsicano Ribeiro
Magnífico Reitor da UFJF

Prof. Afonso Nunes Júnior
Pró-Reitor de Assuntos Comunitários

Dr. Antonio José Cedrola
Departamento de Assuntos Comunitários

Delma Rocha Ono
Responsável pelo Fórum da Cultura

Sr. José Walter de Andrade Ávila
Responsável pela Imprensa Universitária

Pessoal da Imprensa Universitária

Dr. Reginaldo Arcuri
Superintendente da Funalfa

Meios de comunicação e aos que acreditam que

"Mede-se a cultura de um povo pelo seu teatro"

(Lorca)